

PAS entra em prova

Os primeiros resultados conhecidos do Programa de Avaliação Seriada, o PAS, embutem uma mensagem contraditória. O índice de aprovação, se não chega a ser entusiasmante, comparado com o aproveitamento padrão nos vestibulares e concursos públicos, enquadra-se perfeitamente nos moldes mais comuns de rendimento.

Docentes da Universidade de Brasília apresentam com entusiasmo dados indicando que, num universo de 20.044 alunos avaliados, 13.081 - quase 64% - acertaram mais da metade das questões. Em concursos e vestibulares, essa forma de medir aproveitamento alcança o índice médio de 75%. Em contrapartida, raríssimos alunos obtiveram

42 pontos num exame que valia 55. E nenhum suplantou esta marca.

A primeira vista, torna-se plenamente justificada a euforia irradiada pela UnB. Num primeiro ano de realização de provas desse tipo, em que os estudantes não estavam suficientemente motivados para um desempenho especial, os resultados superaram as expectativas dos organizadores do PAS.

O outro ângulo de análise, porém, insiste em evidenciar que não se conseguiu mais que um desempenho mediano. O pequeno número de estudantes que alcançou boas notas indica que a qualidade do ensino ainda deixa a desejar. Pode ser suficiente para atender à realidade local, que conta com um sistema de ensino que se poderia cha-

mar solidário: a UnB e a rede de escolas oficiais do Distrito Federal estabeleceram entendimento prévio antes de programar e lançar o PAS. Ao deixar de responder a parte mais severa dos exames, porém, os estudantes não corresponderam às exigências de uma avaliação ampla e universal.

Caso contrário, apenas uma grave falha técnica na elaboração dos testes poderia explicar os resultados obtidos. A predominância, nas provas, das questões mais simples e de média complexidade, justificaria a diferença. Isto, em prejuízo dos itens de maior profundidade capazes de avaliar, de forma definitiva, os conhecimentos daqueles que estão adequadamente prontos para enfrentar qualquer vestibular.